

# GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES



# ARTIGO

## O SENTIDO E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA NO BRASIL: A DIVERSIDADE CULTURAL EM PAUTA NA UNIVERSIDADE

*El sentido y la importancia de la educación en la construcción de una sociedad democrática en Brasil: La diversidad cultural en pauta en la Universidad*

*The sense and the importance of education in the construction of a democratic society in Brazil: the cultural diversity at the University*

**Jaime José Zitkoski**

Pós-Doutorado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Professor Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS

E-mail: 00086365@ufrgs.br

Como citar este artigo:

ZITKOSKI, Jaime José. O sentido e a importância da educação na construção de uma sociedade democrática no Brasil: a diversidade cultural em pauta na universidade. **GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES**, jul./dez. vol. 2, n. 1, p. 20–33, 2019. ISSN 25959026.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 2, número 1 (2019)  
ISSN 25959026

**O SENTIDO E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE UMA  
SOCIEDADE DEMOCRÁTICA NO BRASIL: A DIVERSIDADE CULTURAL EM  
PAUTA NA UNIVERSIDADE**

*El sentido y la importancia de la educación en la construcción de una sociedad democrática  
en Brasil: La diversidad cultural en pauta en la Universidad*

*The sense and the importance of education in the construction of a democratic society in  
Brazil: the cultural diversity at the University*

**Resumo**

O presente texto destaca uma pronuncia feita em mesa redonda no VI Kalunga, Brasilidade: resistência e identidades ao ritmo do tambor. O Kalunga é um evento criado em 2011 pelo Instituto Ilê Axé em Cooperação com a Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus de Juara, sediado no Grupo de Pesquisa LEAL – Laboratório de Estudos e Pesquisas da Diversidade da Amazônia Legal. Tem como foco a disseminação das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas escolas, através da socialização das diversas ações propostas pelas escolas e grupos culturais durante o ano todo, tendo a sua culminância na apresentação das mesmas neste evento. Apresentações culturais, comunicação de artigos científicos, batizados de capoeira, encontro do movimento negro, e, outras manifestação populares e do gênero científico. Lugar de produção de encontros e diálogos decoloniais.

**Palavras-chave:** Kalunga, diálogos decoloniais, cultura afro-brasileira e indígena.

**Abstract**

The present text highlights a pronouncement made in round table in the VI Kalunga, Brasilidade: resistance and identities to the drum rhythm. Kalunga is an event created in 2011 by Instituto Ilê Axé in Cooperation with the State University of Mato Grosso - Campus de Juara, headquartered in the LEAL Research Group - Laboratory of Studies and Research on Diversity of Legal Amazon. It focuses on the dissemination of laws 10.639 / 03 and 11.645 / 08 in schools, through the socialization of the various actions proposed by schools and cultural groups throughout the year, culminating in the presentation of the same in this event. Cultural presentations, communication of scientific articles, baptisms of capoeira, meeting of the black movement, and other popular and scientific manifestations. Place of production of decolonial meetings and dialogues.

**Key words:** Kalunga, decolonial dialogues, Afro-Brazilian and indigenous culture.

**Resumen**

El presente texto destaca una pronunciación hecha en mesa redonda en el VI Kalunga, Brasilidad: resistencia e identidades al ritmo del tambor. El Kalunga es un evento creado en 2011 por el Instituto Ilê Axé en Cooperación con la Universidad del Estado de Mato Grosso - Campus de Juara, con sede en el Grupo de Investigación LEAL - Laboratorio de Estudios e Investigaciones de la Diversidad de la Amazonía Legal. Se centra en la diseminación de las leyes 10.639 / 03 y 11.645 / 08 en las escuelas, a través de la socialización de las diversas acciones propuestas por las escuelas y grupos culturales durante todo el año, teniendo su culminación en la presentación de las mismas en este evento. Presentaciones culturales, comunicación de artículos científicos, bautizados de capoeira, encuentro del movimiento negro, y otras manifestaciones populares y del género científico. Lugar de producción de encuentros y diálogos decoloniais.

**Palabras clave:** Kalunga, diálogos de colonias, cultura afro-brasileña e indígena.

## **Introdução**

É importante refletirmos, inicialmente, que nós brasileiros e brasileiras temos presente em nossas vidas e relações sociais a experiência concreta de muitas diversidades culturais. Temos muitos valores e traços culturais que vem de várias partes do mundo. Mas, essa diversidade que chegou de outros continentes até o Brasil encontrou uma diversidade que já aqui existia antes 1500 quando os europeus vieram para cá. Uma diversidade de povos e culturas riquíssimas, pois os povos indígenas eram/são os verdadeiros donos desse continente que é o Brasil, que é um país enorme.

Conforme o linguista Ayron Rodrigues antes do início do *encobrimento* do Brasil mais de 1.200 línguas eram faladas neste território, e, com a chegada dos europeus produziu-se o processo colonizatório, centro hierárquico do poder eurocêntrico. Hoje em torno de 150 línguas ainda continuam sendo cultivadas e preservadas nas suas raízes, porém, sabemos que estão sob ameaça de extinção, resultado ainda do domínio cultural da colonialidade do poder que produziu e produz hegemonia do controle e da lógica dominadora.

Reafirmamos que essa grande diversidade cultural já existente é atingida severamente com a vinda dos europeus e com a vinda dos povos africanos, porém, também vai acontecendo uma síntese de diferentes valores. A compreensão se insere dentro de uma perspectiva Kuschiana da leitura filosófica da América Profunda em que os opostos não são separados e nem eliminados, mas, de algum jeito vivem a contradição e o caos, construindo pela integração-mediação, uma cultura própria.

Mesmo tendo a compreensão dos efeitos da colonialidade do poder, as vivências culturais vão, pelo contato, possibilitando empréstimos culturais, aliás, fenômeno constante em qualquer cultura (Burke, 1997). Esses empréstimos culturais se expressam, por exemplo, na forma de vestirmos, na forma de prepararmos os alimentos. Por exemplo, quanto de riqueza que temos no Brasil só na culinária em diferentes regiões, que tem os ingredientes, tem o tempero, e tem o sabor próprio que vai se manifestando e vai se construindo a partir dessas várias influências dos povos indígenas, dos povos que vieram da África e mais das culturas que vieram dos povos europeus.

Então, o Brasil contém uma riqueza em termos de cultura que está nos diferentes povos, na dança, que está música, que está na literatura, na culinária e precisamos valorizar isso. Infelizmente temos um processo contínuo e em andamento de uma homogeneização da

cultura via a mídia e padrões culturais externos que querem se impor como únicos. Na verdade cada povo, cada história, cada cultura tem o seu direito de existir e por isso, então, precisamos reconhecer e louvar trabalhos que se pretende decoloniais. Sinalizamos que a UNEMAT em Juara-MT, articula na produção do Kalunga - evento da memória da consciência negra em conjunto com povos indígenas – com outras instituições sociais, buscando resgatar/revitalizar/fortalecer valores culturais com o intuito de contribuir na formação de uma juventude que tenha consciência de suas raízes culturais. O Kalunga em sua VI edição, é exemplo concreto de sucesso, com uma grande mobilização de atividades que resgatam e valorizam a cultura afro-brasileira, indígena, culturas juvenis e dos povos do campo.

### **O Papel da Universidade diante das culturas populares e da vida democrática**

A universidade tem um papel social muito importante, de valorizar, de resgatar e de fazer o diálogo intercultural, nós não podemos pensar a universidade como algo que é só ciência e só tecnologia, que vem lá da Europa, que vem dos Estados Unidos ou do Japão, ou de qualquer parte do mundo e aqui deve ser, então, imposta para todos os estudantes ou para todas as formações de professores que depois vão repetir nas escolas, nas redes de ensino.

Precisamos sim trabalhar ciência e tecnologia, mas, precisamos fazer dialogar a ciência e a tecnologia com os saberes populares. E é nessa direção que acreditamos em dois grandes filósofos pensadores, um brasileiro e um Latino-Americano. Vocês devem ter ouvido falar ou já leram bastante sobre Paulo Freire. O Paulo Freire é um autor nosso, nordestino, nasceu no Recife, mas a partir da ditadura militar foi obrigado a sair do Brasil, e ele andou o mundo, primeiro no Chile, depois Estados Unidos, em vários países da Europa, da Ásia e depois quando foi possível em 1980 volta para o Brasil. O que Paulo Freire nos ensina, para nós todos brasileiros em qualquer parte desse imenso país que é o Brasil? Ele nos ensina que em primeiro lugar, precisamos respeitar o que as pessoas já sabem, todo ser humano tem sabedoria consigo e claro tem muito a aprender com os demais, também com os outros, mas nós temos sempre a aprender e a ensinar isso é uma mão dupla. Nunca a professora ou o professor apenas ensina, se nós dialogarmos com os nossos alunos, ou se a universidade, por exemplo, a Unemat – Campus de Juara dialogar com a comunidade com projeto de extensão,

com projeto de pesquisa e valorizar os saberes que toda a comunidade já constrói podemos elevar esses saberes a outro nível e é por isso que o diálogo entre a comunidade e a universidade é fundamental e com essa atitude só temos a ganhar.

Paulo Freire é muito atual. Hoje é um dos autores mais lidos na área das ciências humanas e sociais só que muitas vezes não valorizamos aqui no Brasil. É importante o método que ele nos deixou, é de que ninguém sabe tudo, pois não existe uma pessoa no mundo que saiba tudo, e também não existe nenhum ser humano que seja um total ignorante, ele sempre também tem a ensinar, mesmo que nós já sabemos bastante nós temos a aprender com as pessoas do povo, com as classes populares (FREIRE, 1993). Por exemplo, em termos de economia o quanto as pessoas que ganham uma renda baixa, pela aposentadoria ou mesmo pelo trabalho ativo, um salário mínimo, por exemplo, e tem que fazer uma ginástica no mês todo, para poder passar o mês com aquele dinheiro que é pouco e todos nós sabemos, então a economia popular temos que aprender com o povo.

Destacamos, também, que em se tratando da educação nem sempre as pessoas que mais estudaram são as mais educadas, a gente vê com pessoas humildes o quanto elas tem a nos ensinar, no respeito, na possibilidade de ouvir a palavra do outro, escutar os outros, porque, as pessoas que são mais humildes sofrem no dia a dia muitas adversidades, muitos problemas a enfrentar e elas vão poder enfrentar esse problema dialogando.

O diálogo possibilita uma compreensão de mundo em que mobiliza formas de viver coletivamente e transformar realidades. E aí nessa interlocução dialógica e intercultural tensiona-se diversas proposições e posições, mas, também, estabelece processos educativos do *bem viver*. Pelo diálogo e pela cultura popular produzimos as lutas internas de libertação e desalienação, uma dialética entre cultura popular e libertação humana (FÁVERO, 1983, FREIRE, 1993).

Então, Paulo Freire e Henrique Dussel que é um pensador da Argentina expoente da filosofia da libertação - mas sua obra circula bastante aqui no Brasil – uma filosofia em que a ética da libertação se ocupa em analisar o fato opressivo de dominação da Modernidade, tomando a América Latina como *locus* de dominação eurocêntrica, mas também, discutindo as possibilidades de superação do fenômeno da exclusão social e dos males criados pela modernidade. Os dois acreditam que nós precisamos resgatar os saberes populares valorizando as culturas locais em diálogo com os conhecimentos acadêmicos (FREIRE, 1993). Ou seja, pelo diálogo popular temos que enfrentar o mito da modernidade que traz consigo

**O sentido e a importância da educação na construção de uma sociedade democrática no Brasil:  
a diversidade cultural em pauta na universidade**

uma inversão de valores, em que o dominador é o inocente, o superior que quer pelo ato pedagógico, civilizar o Outro, e, desta forma o dominado é o culpado de ser tão bárbaro, selvagem e inferior. “É um vitimar o inocente (o Outro) declarando-o causa culpável de sua própria vitimação e atribuindo-se ao sujeito moderno, plena inocência em relação ao ato de vitimá-lo.” (DUSSEL, 1992, p. 86).

De outra forma queremos dizer que o diálogo sinaliza uma democracia na construção de valores e atitudes decoloniais. As universidades precisam aprender a conversar com as comunidades, com as culturas populares. Então, é nesse sentido que nos afiliamos e congratulamos com vocês do tema deste VI Kalunga, nesta abertura desta noite, mas que vai continuar amanhã o dia todo, a questão da brasilidade, da resistência, identidades no ritmo dos tambores. Sabemos que há uma provocação de diálogos que aos poucos tem se constituído no reconhecimento de culturas próprias e de identidades. Também compreendemos que o ritmo do tambor é a cadência da vida, no sentido de pensarmos os batuques afro-brasileiro, os sons do run, do rumpi e do lê, puxadores do ponto cantado da Umbanda e do atabaque, do samba de roda, do Maculelê e das rodas de capoeira. Instrumento também utilizado por alguns povos indígenas antes mesmo do processo de invasão e conquista deste país. Conforme Guzmán (2012), o tambor era conhecido pelos Tupinambás antes da chegada dos europeus. Os instrumentos significam uma organização de musicalidade que geralmente em comunidades tradicionais são acompanhados com cantos.

Nós precisamos sim, hoje, valorizar a musicalidade, valorizar os diferentes ritmos que a cultura popular brasileira nos oferece. O povo brasileiro apesar de todos os problemas enfrentados na história e hoje, é um povo de muita resistência e de muita luta.

A resistência advém dos enfrentamentos em busca de direitos fundamentais como educação, saúde, igualdade, segurança, etc., princípio dos direitos humanos de caráter universal. A resistência, no sentido dialético pode produzir mudanças. É claro que nem sempre as mudanças acontecem no ritmo e no tempo que esperamos e que desejamos. Há movimentos contraditórios de grupos dominadores que querem o poder de mando e de uso, e, grande parte deste poder está nas mãos do Estado. Assim, os governantes, muitas vezes, não valorizam o povo, a cultura popular.

Na atualidade brasileira se fala muito em crise econômica, justifica-se arbitrariedades em nome de uma política econômica, porém, temos claro que vivemos um Estado de recessão em diferentes sentidos e dimensões. Vivemos outros tipos de crise, por exemplo, a violência

## O sentido e a importância da educação na construção de uma sociedade democrática no Brasil: a diversidade cultural em pauta na universidade

na sociedade, a questão do desrespeito aos nossos direitos enquanto trabalhadores, enquanto pessoas que temos direitos humanos. Apesar de tudo isso podemos dizer que o povo brasileiro, é um povo alegre, um povo que tem muita resistência e que essa resistência vem também pela manifestação da música, da dança, vem da cultura popular, das diferentes manifestações, da religiosidade. O que vimos no início do VI Kalunga, com o Instituto Aruandê – Casa de Umbanda Mãe Maria foi a manifestação de uma energia muito positiva e que traz uma mensagem de paz de alegria e de respeito ao Outro. Em outro sentido manifestação identitária e de resistência.

Destaca-se, assim, que nós brasileiros e brasileiras temos isso na nossa raiz. As raízes populares são de muita vida comunitária. A vida comunitária é a fortaleza que as pessoas encontram, por exemplo, de se encontrar seja na questão da religião, da comunidade religiosa, seja na questão das festas populares, seja na própria rua, nas esquinas e conversarem. É a partir da conversação, é a partir do diálogo que podemos nos fortalecer, porque com certeza, todos nós aqui se nós tivermos um problema, que seja um problema pequeno do dia a dia e nós não conversamos com ninguém sobre esse problema, esse problema vai aumentando porque a gente não consegue resolver sozinho. Agora se a gente trocar uma ideia com um amigo, com um parente, um familiar a ideia do outro nos dá uma opinião, quem sabe esse problema pode ser resolvido dessa forma, quem sabe conversamos com uma terceira, quarta pessoa que nos ajude e é nesse sentido, que via diálogo, via conversa que nós temos uma força enorme na vida comunitária.

A vida comunitária tem como fundamento a coletividade, o grupo, e, pode se organizar em diversos lugares, inclusive em instituições de ensino superior. Por exemplo, a UNEMAT, com certeza, liderou a organização do evento (Kalunga), mas contou com várias pessoas ajudando. Observamos e participamos de algumas equipe de trabalho, percebemos que houve mobilização, seja dos colegas professores/as da universidade, do grupo de Pesquisa LEAL (Laboratório de Estudos e Diversidade da Amazônia Legal) grupos culturais, sejam lideranças tradicionais e comunitárias, e, com certeza surgiram no andamento da organização vários problemas e se a equipe organizadora e coordenação do evento não conversasse com o grupo, se não trocasse ideia, os problemas não seriam resolvidos, esse é um exemplo prático de como precisamos conversar todos os dias e abrir os nossos sentimentos, as nossas emoções com as outras pessoas.

**O sentido e a importância da educação na construção de uma sociedade democrática no Brasil:  
a diversidade cultural em pauta na universidade**

É isso que Paulo Freire nos ensina, O diálogo em todos os ambientes, seja na questão da escola, da universidade, seja na vida familiar, o diálogo ainda é a melhor sabedoria que podemos aprender uns com os outros. Ninguém é o dono da verdade, mas, ninguém também é tão despossuído de conhecimento, de sabedoria que não pode ensinar ao outro. Então é nesse sentido, que em conjunto realizamos a mesa redonda: Manifestações Afro-brasileiras e Ameríndias: Processos de Decolonialidade e Educação Popular. A mesa foi composta por três pessoas, uma da Unemat, uma de comunidade tradicional indígena e um professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O deslocamento de Porto Alegre, que é muito longe daqui de Juara-MT, praticamente o outro lado do mapa, do nosso mapa do Brasil, que é bem na ponta do sul, sul do sul, que fica a praticamente 3000 km de distância foi para aprender com vocês e participar de todo o evento é significativo porque possibilita produzir um olhar do todo. Mencionamos que a abertura do evento com tamanha energia com a interpretação da Música de Maria Bethânia, Ya Ya Massemba,

Que noite mais funda calunga  
No porão de um navio negreiro  
Que viagem mais longa candonga  
Ouvindo o batuque das ondas  
Compasso de um coração de pássaro  
No fundo do cativo  
É o semba do mundo calunga  
Batendo samba em meu peito  
Kawo kabiecile kawo  
Okê arô oke

Que as pessoas, os povos indígenas, o Instituto Ilê Axé, o Instituto Aruandê, religiosidade de Matriz Africana, Grupo Centro Cultural Aruandê Capoeira, Programa Cultura, Arte e Educação na Unemat de Juara: Cantando, dançando, pintando, gingando e transformando realidades entre outros grupos, escolas de educação básica e universidades presentes, demonstravam com os olhares e com o corpo o que seria esse evento, uma abertura com muita emoção, com muito cuidado, sensibilidade e arte.

O sentido maior de estarmos aqui, neste evento, é de aprendermos junto com os outros que também vieram para cá. Então, fica a mensagem nesse sentido, fica uma palavra final de agradecimento a todos vocês, a todos e todas.

Jaime José Zitkoski

27

## O sentido e a importância da educação na construção de uma sociedade democrática no Brasil: a diversidade cultural em pauta na universidade

Vamos encerrando dizendo, reafirmando que precisamos sim nos encontrar, talvez a melhor parte de um evento como esse é o encontro das pessoas para poder comemorar, para poder refletir também sobre esses temas e para podermos nos conhecer melhor porque nós só gostamos e amamos aquilo que conhecemos mais profundamente.

Precisamos produzir encontros, e também precisamos reconhecer que hoje em tempos de redes sociais, de facebook, de watzap muitas vezes as pessoas deixam de conversar com as pessoas mais próximas que estão ao seu lado. É essa mensagem que gostaríamos de deixar para vocês.

Queremos dizer que o encontro é uma espécie de semente e as pessoas que dele participam são semeadores, quando falamos em um evento semeamos palavras e para nós há educadores de mundo como é o caso de Paulo Freire. Aliás, autor que deve estar presente nas universidades porque pela escrita e pela leitura e aprendizagens na academia, as suas palavras podem ser mecanismos potencializadores de transformação e de diálogo com a cultura popular pronunciando novas realidades.

Paulo Freire foi um semeador e cultivador de palavras. Não de quaisquer palavras, mas de palavras "grávidas de mundo", como dizia. Palavras que têm o dom de gerar mundos, de pronunciar novas realidades (STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2010, p. 13).

Assim, o Kalunga é um evento que semeia, que produz encontros, que possibilita olhos nos olhos porque se faz junto. Não podemos deixar de conversar olhando para quem está do nosso lado, olhando nos olhos e na face. A conversação, o diálogo face a face jamais é substituído por qualquer outra forma de conversa, mesmos através dos aparelhos eletrônicos atuais, ou das tecnologias, pelas mídias, enfim, pelo processo onde que nós não encontramos presencialmente, é claro que as mídias e as outras formas nos ajudam mas não devem substituir a conversa face a face porque o rosto de uma pessoa revela o mundo e muitas vezes apenas algumas frases escritas, digitadas, elas podem inclusive, ser mentirosas. Agora o rosto do ser humano ele revela uma verdade e é nesse sentido que nós precisamos pensar seriamente, talvez precisamos diminuir o tempo no facebook, no watzap. Não é que nós vamos deixar de lado as tecnologias e as redes sociais. Reduzir o tempo exposto a comunicação das grandes mídias e dedicar mais tempo para a valorização do ser humano que está ao nosso lado, porque vivemos tempos difíceis, mas nós temos com certeza cada um de nós tem um coração que pulsa e um cérebro que pensa, e que nós podemos sim resgatar

Jaime José Zitkoski

28

## **O sentido e a importância da educação na construção de uma sociedade democrática no Brasil: a diversidade cultural em pauta na universidade**

talvez, coisas que a gente foi deixando de lado e fomos perdendo, e nós precisamos valorizar então a vida comunitária e valorizar o diálogo verdadeiro que se encontra em nosso meio, no encontro das pessoas.

Nessa perspectiva, é importante não esquecermos dos ensinamentos de Paulo Freire, sobre a centralidade do diálogo comunicativo no processo de humanização da vida em sociedade. Ou seja,

Não há comunicação sem dialogicidade e a comunicação está no núcleo do fenômeno vital. Nesse sentido, a comunicação é vida e fator de mais-vida. (...). Imaginemos, assim, sua importância e, portando, da dialogicidade, na existência humana no mundo” (STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2000, p. 74).

Uma das maiores crises que vivemos hoje diz respeito ao déficit de comunicação. A princípio tal diagnóstico pode nos parecer impossível, pois vivemos em plena era da comunicação. No entanto, hoje muito mais recebemos comunicados prontos, informações que são veiculadas como verdades inquestionáveis, mas pouco nos comunicamos com os outros. O grande problema da atualidade é a falta de diálogo. Principalmente no estilo de vida das grandes cidades, ou do ritmo de vida acelerado e consumido pela engrenagem da lógica capitalista. As pessoas estão cada vez mais envolvidas em trabalhar para ganhar dinheiro e poder consumir do que em conviver com os que estão próximos de si.

### **Desafios para repensar a Universidade na perspectiva freireana**

A formação universitária é fortemente marcada pelas especializações e a divisão das ciências em áreas particulares. Esse processo está afetando toda a sociedade atual por que muitos problemas surgem pela falta de diálogo entre os diferentes profissionais.

Pelas razões acima, se faz necessário mudar a organização dos cursos universitários para modificar nossa forma de compreender a realidade. E Paulo Freire, mesmo não tendo escrito sobre a interdisciplinaridade em si, tinha como projeto uma educação desfragmentada. Um bom exemplo disso é o Tema Gerador, descrito no capítulo 3 da *Pedagogia do Oprimido*, que articula os conhecimentos científicos como os saberes populares dos educandos na sua leitura de mundo.

## O sentido e a importância da educação na construção de uma sociedade democrática no Brasil: a diversidade cultural em pauta na universidade

As mudanças necessárias hoje na formação superior não são pontuais, mas requerem algo mais profundo de transformação da lógica de funcionamento da universidade. Nesse contexto, se faz necessário um trabalho em equipe e a abertura aos saberes populares com as parcerias, o diálogo, a humildade, a ação reflexão (práxis), Estes, também estão entre os princípios da interdisciplinaridade, que segundo Fazenda (2011), que são: Parceria, compartilhamento e ousadia articulando com, humildade, coerência, espera, respeito e diálogo.

O tema gerador exige assim como a interdisciplinaridade partir do real, com um diálogo reflexivo e crítico que é a base da educação dialógica de Freire contra a educação positivista bancária. O tema gerador é intrinsecamente interdisciplinar, assim como a pedagogia freireana.

Freire foi o pensador que valorizou na prática a essência do diálogo, ele foi dialógico isso se percebe nas parcerias que ele estabeleceu durante sua vida, como com Ernani Maria Fiori, Antonio Faundes, Adriano Nogueira, Brandão, entre outros. Ele pensava junto com os outros educadores, acreditava que o projeto de sociedade coletivo, e só é possível porque é coletivo.

A interdisciplinaridade se faz necessária, pois a soma das partes não é o todo, é só uma visão distorcida da realidade, assim produz uma cultura cartesiana onde não somos capazes de estabelecer a devida relação de causa e efeito das realidades de nossa sociedade. Não queremos aqui negar a importância no progresso da ciência que obtivemos a partir do modelo cartesiano e da profunda especialização, mas reconhecer que só podemos dizer que evoluímos quando consideramos as coisas em partes, pois quando olhamos o todo, como sociedade, a ciência pouco contribui-o para a humanização dos indivíduos e a garantia de seus direitos. Cada vez mais se produz comida e na quase na mesma medida aumenta-se a fome, quanto mais a tecnologia avança mais estamos escravos do trabalho para consumir estes bens e menos seguros estamos.

Se alguém com um olhar fragmentado estiver lendo este trabalho irá dizer que, uma coisa é uma, outra é outra coisa. Pois para muitas pessoas o que importa é o progresso da ciência e os resultados da tecnologia. E isso muitas vezes tem a ver com nossa realidade violenta, escravizadora, e que está destruindo nosso planeta. Isso deve ao fato de que estamos mergulhados em uma lógica que não considera o todo, não considera ao produzir uma tecnologia os recursos naturais que são gastos para desenvolvê-la, a produção de comida é

## O sentido e a importância da educação na construção de uma sociedade democrática no Brasil: a diversidade cultural em pauta na universidade

com o fim exclusivo do lucro e não de matar a fome, o que eu quero dizer é que pensar isoladamente as coisas, não ter um projeto de nação, produz uma realidade excludente, que resulta na extrema desigualdade que por sua vez acarreta na violência e na insegurança, e cada vez mais se produz tecnologia para “segurança” comercial e de residências, na perspectiva de nos afastar, proteger, da realidade que nós produzimos.

No olhar fragmentário que se sustenta a meritocracia o sujeito é o único responsável pela situação que se encontra, não somos capazes de reconhecer nossa responsabilidade, enquanto sociedade, pela insegurança que sofremos. E está lógica aprendemos desde cedo, pois a organização escolar é meritocrática e fragmentária, assim estamos acostumados a considerar as coisas em parte e achar que aquilo é a realidade absoluta.

Precisamos transitar para uma educação crítica e problematizadora. Essa é a proposta de Freire com a metodologia do tema gerador, que requer o diálogo entre os diferentes saberes e o respeito a realidade dos educandos. O primeiro desafio Tema Gerador, segundo Freire é a ruptura com o paradigma do *disciplinamento do saber* articulando coerentemente com a superação da noção de consciência compartimentada (que passivamente armazenaria o mundo dentro de si), por uma noção de consciência enquanto *corpo consciente* que, em sua estrutura intencional essencialmente ativa, está em um constante tensionamento com o mundo. As rupturas com os currículos fechados, que apenas valorizam os saberes acadêmicos e a ciência organizada nos livros é o início de uma ruptura que torna-se cada vez mais urgente diante da nossa realidade brasileira e latino-americana.

Na perspectiva da superação da lógica disciplinar e alienante o novo fazer universitário pressupõe a produção de conhecimentos sobre a nossa realidade Latino-Americana, em que a ideia de qualidade desta experiência se pauta, para além da integração econômica, comercial e política, numa interlocução cultural, envolvendo as comunidades universitárias e o diálogo entre os diferentes saberes e culturas.

O diálogo intercultural deverá ser um dos pontos centrais do projeto pedagógico, pois se considera que a busca da integração passa necessariamente pelo reconhecimento das diferenças entre as diversas culturas da América Latina. Assim, aprofundar o conhecimento das diferenças certamente favorecerá a identificação das convergências que são importantes para a construção conjunta de novos horizontes (CORAZZA, 2010, p. 80).

### **Considerações finais**

Ter abordado este tema rico e diversificado da cultura do nosso país, com reflexões que são interculturais e decoloniais e que fazem parte da cultura popular brasileira é, sem dúvida, motivo de alegria, pois, se constitui como um encontro de diversos rostos, diversos grupos, diversos povos em nome do fortalecimento de identidades. Um evento feito em novembro de 2017, período em que o nosso país tem protagonizado um discurso de crise, de recessão. Período em que a democracia brasileira está em risco e tensionada. Aqui em Juara, em um movimento complexo e não fora desse contexto, é a diversidade cultural que está em pauta e é pela educação que acreditamos ser possível uma reconstrução de valores, de gerar um novo mundo.

Pensar num novo mundo é pensar em estratégias que enfrente as posições tensas e anti- democráticas em voga, posições raciais e preconceituosas, posições que não considera o espaço da pluralidade e dos direitos sociais. Nessa compreensão o diálogo é um instrumento dialético-problematizador com possibilidade de enxergar o mundo, ou, o novo mundo que se quer em transformação e que se constitui como inacabado. A comunicação dialógica em diferentes formas de linguagem podem assumir um jeito de dizer o mundo e de dizer sobre o mundo posto, e o mundo que queremos. Nessa esteira, gerar o novo mundo, é pensar em uma sociedade Outra, que potencialize a comunicação.

Estamos em tempo de pouca comunicação, de poucos encontros, de pouca musicalidade, por isso se faz necessário construir estratégias de resistência, uma delas o diálogo intercultural, as diferentes linguagens e diferentes ritmos, porque a lógica dominadora da colonialidade do poder nos quer sem ritmo, nos quer sem diferenças, nos quer homogeneizados.

### **Referências**

BURKE, Peter. "**Inevitáveis empréstimos culturais**". Folha de S.Paulo. São Paulo, cad.5, 27/06/1997.

CORAZZA, Gentil. A UNILA e a integração Latino-americana In: Boletim de Economia e Política Internacional. Brasília: Ipea, 2010. n. 3.

GUZMAN, Décio de Alencar. **Guerras na Amazônia do século XVII: Resistência indígena à colonização**. Belém: Estudos Amazônicos, 2012.

DUSSEL, Enrique 1492: **el encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad**. Madrid: Nueva Utopia, 1992.

FREIRE. Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Ed. Olho d'água, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

STRECK , Danilo, REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.clides.

Recebido: 25/09/2018

Aprovado: 10/02/2019

Publicado: 30/06/2019